

NATUREZA EDUCADORA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UM JARDIM SENSORIAL EM UMA CRECHE PÚBLICA DA FAVELA DO RIO DE JANEIRO

Thais Barcelos ¹

Simone Soares ²

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo analisar uma experiência ocorrida em uma creche pública em uma favela da cidade do Rio de Janeiro, onde crianças e a equipe docente construíram juntos um jardim sensorial. Através dessa experiência, este estudo ressaltava a importância da relação das crianças com a natureza, principalmente, para o desenvolvimento e aprendizagens bebês e crianças bem pequenas. A natureza é educadora e em contato com ela os bebês e crianças tem as diferentes texturas, cores, odores que estimulam suas experiências e experimentações. As brincadeiras na natureza propiciam o despertar de um campo simbólico criado pela própria criança. Em primeiro momento, o texto trará quais as implicações que levaram a unidade se juntarem para a construção coletiva deste jardim, narrando os movimentos, os interesses e as curiosidades dos bebês e crianças. Apresentará o protagonismo dos bebês e crianças na sua construção e as implicações da relação delas com suas professoras, no sentido de ampliar uma relação de confiança. Todo esse movimento propiciou a unidade a entrar em um processo de (re)pensar sobre a participação de bebês e crianças bem pequenas nos cotidianos da educação infantil, assim como refletir sobre práticas pedagógicas na creche que respeitem suas autorias. Fundamentam essa discussão os estudos da professora-pesquisadora Léa Tiriba (2017), Gandhi Piorski (2016), no que diz respeito a relação da criança com a natureza na educação infantil e Sarmiento (2011), Malaguzzi (1999), Formosinho (2007) em relação às pesquisas sobre participação infantil.

Palavras-chave: Creche, Natureza, Criança, Participação.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a educação infantil tem sido desafiada a repensar seus espaços, tempos e práticas, de modo a reconhecer bebês e crianças como sujeitos de direitos, protagonistas de suas aprendizagens e produtores de cultura. Nesse cenário, a relação entre infância e natureza ganha destaque como campo fértil para a construção de experiências significativas, que potencializam descobertas, experimentações e a formação

¹ Pedagoga e mestre em educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/RJ), professora de educação infantil SME/RJ e orientadora educacional ISERJ/FAETEC; thaissoeiserj@gmail.com.

² Pedagoga pela UFRJ, especialista em Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, simonesnascimento@rioeduca.net.



de vínculos. Ao considerar a creche como um espaço de vivências coletivas e educativas, é fundamental refletir sobre como práticas pedagógicas podem aproximar a natureza ao cotidiano das crianças, ampliando as possibilidades de escuta, participação e autoria.

Em uma creche pública da cidade do Rio de Janeiro a chegada de uma nova equipe gestora - diretora, diretora adjunto, professora articuladora³ - traz com ela um choque entre concepções de infância, educação infantil, da ideia do cuidar e educar. O primeiro estranhamento aconteceu com a estrutura da unidade escolar, um prédio verticalizado com poucos espaços externos e que não convidam as crianças a criarem brincadeiras e movimentos amplos. Esses espaços por serem altamente concretado, na tentativa de dar mais segurança e aconchego aos bebês e às crianças acaba pela opção da antiga gestão ganhando vários emborrachados e brinquedos de plástico. Assim, surgem as primeiras interrogações, pensando numa educação infantil baseado nos princípios políticos, éticos e estéticos (DNCEI, 2009): o porquê é importante ter uma educação infantil que ofereça o contato das crianças à diferentes tipos de materiais e não só a objetos e brinquedos de plástico? Como a oferta de apenas um tipo de textura e sensação influencia nas aprendizagens e desenvolvimento de nossos bebês e crianças? Como praticar uma educação infantil que conceba a criança como protagonista da sua própria vida, de suas aprendizagens e desenvolvimento? Como promover relações em que as crianças sejam convidadas a criatividade, a inventividade e construam suas autorias? Como oportunizar que bebês e crianças se conectem com a natureza e aprendam na sua relação com ela? E, finalmente, como garantir a escuta ativa e a participação efetiva das crianças em todos os processos que as envolvem, respeitando suas vozes e suas escolhas?

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

Ao refletirmos sobre os processos formativos, identificamos que o ato de narrar nossas práticas configura-se como um movimento de autoformação. Por meio da narrativa, do relato e do compartilhamento de nossas experiências, constituímos-nos como professoras-pesquisadoras, posicionando-nos criticamente para analisar as vivências cotidianas e buscar a transformação das questões que nos inquietam e desafiam. Assim,

³ Professora Articuladora (PA) na rede municipal do Rio de Janeiro é uma docente que desempenha uma função de coordenação pedagógica e apoio à formação continuada de outros professores dentro das creches. Diferente das coordenadoras pedagógicas lotadas nas escolas, as PAs - como são chamadas quem exerce essa função – não recebem gratificação, que é uma complementação financeira além do vencimento do salário.



apresentamos neste trabalho um relato de experiência como instrumento metodológico, que possibilita articular teoria e prática, visando contribuir para a produção de conhecimento no campo da educação, com ênfase na educação infantil.

O relato de experiência funciona como um canal de troca entre os profissionais da educação. Ao ser compartilhado, ele promove um processo de aprendizagem coletiva, no qual as dificuldades e soluções enfrentadas por um educador são compreendidas e analisadas por outros, criando um ciclo de crescimento mútuo. Ao transformar a experiência pessoal do educador em conhecimento sistematizado, o relato pode influenciar políticas educacionais, novas abordagens pedagógicas e a formação de professores.

Desta forma, o que nos atravessou ao entrar em contato com essa nova realidade foi o fato de bebês e crianças ficarem emparedadas (TIRIBA, 2018), passando 8 horas da sua permanência na creche nas salas de referência. O único momento que as crianças tinham acesso ao ar livre para sentir o sol, o vento, ver as nuvens e observar o vida externa a creche era por 20 minutos quando iam ao brincar no solário, que como já relatado oferecia às crianças apenas brinquedos de plásticos e um piso emborrachado. Em busca de ampliar o repertório do *sentir* de bebês e crianças, para uma experiência estética que compreendemos como valorização da narrativa de cada um (BARBIERI, 2021).

Muitas vezes, quando pensamos em experiências estéticas, as associamos a arte, música, literatura, cinema, mas elas também estão na vida cotidiana. Quando estava sendo ministrado no Maranhão um curso de formação para professores de escolas públicas, muitas professoras diziam não ter experiências estéticas, porque as relacionavam a ir ao museu ou a assistir a um espetáculo de teatro - algo que não fazia parte das suas experiências cotidianas. Conversando sobre o entrelaçamento da experiência estética no dia a dia de cada uma, foi solicitado que escrevessem um texto, e uma delas o fez a respeito da olaria do pai: recordava do modo como o pai empilhava os tijolos e os colocava no fogo para queimar, do modo como o pai moldava as telhas na coxa - uma rica experiência da lida com o barro, sua temperatura, transformação, do modo cuidadoso com o qual o pai vivia o fazer cotidiano, riqueza que ela carregava dentro de si. (BARBIERI, 2021)

Ao narrar um episódio de formação dos professores no Maranhão, a autora nos dá pistas de qual experiência estética estávamos buscando. Uma experiência que vai além da associada à arte socialmente reconhecida, sendo uma experiência estética tecida também



nas nossas vivências cotidianas. Reconhecemos a importância das artes na formação humana e, por isso, lutamos para que bebês e crianças tenham acesso, com frequência, aos espaços culturais e artísticos. No entanto, o que nos inquietou naquele momento foi a pobreza de sensações sensoriais a que esses bebês e crianças estavam expostos no cotidiano.

Assim, como equipe gestora, começamos a oferecer a bebês, crianças e professoras objetos de diferentes composições, texturas e temperaturas, que apresentassem desafios diversificados (madeira, metais, tecidos, lixas, entre outros), indo além dos brinquedos de plástico prontos e diretivos. Além desses objetos que passaram a fazer parte do acervo de brincadeiras da creche, começamos, junto com as crianças, a construir um acervo de elementos da natureza: galhos, terra, areia, conchas, folhas, entre outros. O investimento nesses materiais teve como objetivo ampliar o livre brincar das crianças, dialogando com as professoras sobre a sua importância.

O tempo destinado as brincadeiras nos espaços externos de cada turma foram ampliadas, assim como reestruturação de espaços externos ao prédio que apesar de serem pequenos foram organizados com esse acervo itinerantes para que as bebês e crianças pudessem circular por diferentes espaços da creche e explorar o livre brincar ao ar livre.

A reação das crianças foi marcada pelo encantamento e pela curiosidade. Observou-se que, ao manipular os elementos naturais, elas experimentavam texturas, sons e formas, engajando-se em processos de investigação ativa.

O interesse demonstrado pelas crianças em repetir as experimentações revela a força do brincar como linguagem, incentivando a participação e o protagonismo infantil. Malaguzzi (1999), em seu poema *A criança é feita de cem*, ressalta que são muitas as linguagens pelas quais as crianças se relacionam e comunicam com o mundo. Nesse sentido, acreditamos que o contato frequente com a natureza amplia suas possibilidades expressivas, fornecendo elementos para que elas possam narrar o mundo por meio da reinvenção desses materiais simples, carregados de significados.

Assim, tínhamos como objetivo construir um novo espaço, que fosse permanente, onde as crianças pudessem ter acesso a diferentes texturas, cheiros, temperaturas, cores através de elementos mais naturais. A ideia era transformar um espaço esquecido na creche e não ocupado pelas crianças na creche em um espaço de brincar com e na natureza, entendendo que ela também é educadora.

As brincadeiras na natureza propiciam o despertar de um campo simbólico criado pela própria criança. Assim, nossa aposta foi na construção de um jardim sensorial feito



por muitas mãos: profissionais, crianças e famílias, entendo que o processo dessa construção também é uma forma de fortalecimento de vínculos.



Figura 1- Espaço sem uso no térreo

O processo contou com o envolvimento das crianças, desde as turmas do berçário (1 ano) até o Maternal II (3 anos e 11 meses). O dia da plantação das hortaliças foi encantador: as crianças cheiravam as plantas, experimentavam seus sabores, sentiam a textura da terra e da argila expandida. Foi um momento profundamente significativo.

Atualmente, as crianças têm a oportunidade de brincar em um espaço permanente com elementos como areia, diferentes tipos de pedras, além de cuidar e ter contato com algumas espécies de plantas. Aos poucos, a unidade está ganhando mais verde e incorporando outras espécies da natureza ao seu cotidiano.



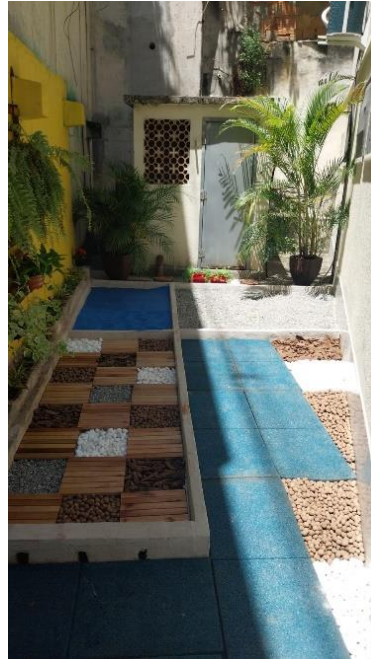


Figura 2- Jardim Sensorial

O espaço pequeno no térreo, antes vazio e sem finalidade definida, passou a ser cuidadosamente organizado para favorecer a exploração tátil, visual, olfativa e auditiva das crianças. Com novas texturas, cores, cheiros e sons, o ambiente tornou-se um convite constante à observação, à experimentação e ao brincar, respeitando os interesses e o ritmo de cada criança. Assim, o espaço não só ganhou vida, mas também se transformou em um ambiente pedagógico que valoriza a escuta ativa, o protagonismo infantil e a construção coletiva do conhecimento.

A proposta mostrou-se relevante não apenas pelo prazer e alegria manifestados pelas crianças, mas também por reforçar a necessidade de integrar a natureza ao cotidiano da educação infantil como espaço privilegiado de investigações e encontros.

Em diálogo com Formosinho (2013), assumimos que promover a escuta ativa das crianças em ambientes educativos é fundamental, pois favorece um espaço que estimula a autonomia e o protagonismo infantil. Isso ficou evidente na construção do jardim, que se tornou um espaço vivo e significativo para o grupo. Essa prática colaborativa fortaleceu não apenas o ambiente físico, mas também os vínculos comunitários e o sentido de pertencimento.

A equipe gestora visitou todos os grupamentos para listar os nomes que as crianças mais apreciavam, demonstrando a importância de dar voz e vez às suas percepções e sentimentos. Finalizando esse processo inicial de construção dos espaços, a comunidade



escolar participou de uma votação na qual foi escolhido o nome "Jardim da Alegria" para esse espaço sensorial. A votação ocorreu com a presença das crianças e suas famílias, reforçando o caráter democrático e participativo do processo.

Promover uma prática pedagógica que possibilite às crianças o contato com a natureza e consigo mesmas é vivenciar a materialidade do currículo da Educação Infantil, cujo eixo orientador são as interações e brincadeiras, pois, na natureza, o brincar está em constante construção. Assim, assume-se como um ato responsável garantir que as crianças possam inventar o mundo que praticam, experimentando de forma integral suas criatividades e autorias.

Ao proporcionar o encontro cotidiano de crianças pequenas com ambientes naturais, amplia-se a possibilidade de vivências que respeitam a infância como tempo presente e potencializam o desenvolvimento humano em sua integralidade. Nesse sentido, Tiriba (2005) enfatiza que a interação da criança com o mundo natural é essencial para seu desenvolvimento biopsicossocial. Para a autora, a vivência na natureza promove uma compreensão mais profunda de si e do mundo, fortalecendo a identidade e o sentimento de pertencimento. Além disso, defende práticas pedagógicas que incorporem a natureza ao cotidiano escolar, assegurando que as crianças explorem, investiguem e expressem sua criatividade de forma livre e autônoma.

De acordo com Priorski (2016), cada elemento da natureza inspira um tipo específico de brinquedo para as crianças, estimulando diferentes formas de brincar. Ele relaciona os elementos terra, ar, água e fogo às experiências imaginativas que surgem durante a brincadeira.

Por exemplo, brincadeiras que envolvem o elemento ar — como bolinhas de sabão, cataventos, pipas e balões — convidam a criança a explorar a corporeidade e a expansão do corpo, despertando uma imaginação aberta e ampla. Já as brincadeiras com água — como jogar água, molhar plantas, brincar com regadores, fazer esculturas de gelo ou usar recipientes para despejar e transportar água — convidam a criança a movimentos de entrega e fluidez, ajudando-a a relaxar e a se deixar levar. Essa relação promove uma conexão com o movimento e a fluidez corporal. Por fim, os brinquedos relacionados ao fogo — como brincar com lanternas, fogueiras (sob supervisão), velas em ambientes seguros ou observação de labaredas controladas, cozinhar — estimulam uma imaginação mais ousada e transgressora, manifestando o desejo de dominar o mundo ao redor.



Além disso, os brinquedos com terra e areia, que tiveram um espaço bastante privilegiado no processo de construção do jardim sensorial, dialogam com a imaginação da criança que deseja conhecer o interior das coisas.

Os brinquedos da terra são aqueles do universo da casa, da família, os que imitam a vida cultural, os que têm contato com a matéria e os de pés no chão, os que sugerem um enraizamento social. Brincar de se aterrar na areia, de moldar objetos com barro e de investigar o que se tem dentro das coisas – como a anatomia de animais –, por exemplo, são brinquedos da terra. Brincar de casinha, fazendinha, cozinha, montaria, carros de boi, lutas de espadas, são todos pertencentes ao elemento terra por sua dimensão cultural e por fazerem com que as crianças criem novas formas de cultura através de sua imaginação. As brincadeiras da casinha ou de fazer comida, por exemplo, se remetem à nutrição, ao servir, à partilha, ao cuidar de bonecas (crianças), ao carinho pela família. (Priorski, 2016)

Esses brinquedos da terra são elementos essenciais para que as crianças criem novas formas de cultura através da imaginação, estabelecendo uma conexão profunda com suas origens e com o meio natural, ao mesmo tempo em que exercitam sua criatividade e autonomia.

Assim, investir em espaços que ofereçam materiais naturais como terra e areia é proporcionar um ambiente rico em estímulos sensoriais, afetivos e culturais, onde a criança pode se desenvolver integralmente, experimentando diferentes linguagens e expressões.

O contato com a natureza configura-se como um espaço privilegiado para a manifestação dessas múltiplas linguagens, potencializando a aprendizagem, a criatividade e a imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do "Jardim da Alegria" representa não apenas a transformação física de um espaço antes subutilizado, mas sobretudo a consolidação de uma prática pedagógica que valoriza o contato das crianças com a natureza como elemento essencial para seu desenvolvimento integral. O processo, marcado pela participação ativa das crianças, famílias, professoras e equipe gestora, evidenciou a importância de escutar e respeitar as vozes infantis, promovendo autonomia, protagonismo e a construção coletiva do conhecimento.



Ao ampliar as experiências sensoriais por meio da exploração de texturas, cores, cheiros e sons naturais, o jardim sensorial se tornou um ambiente vivo, capaz de potencializar a criatividade, a imaginação e a aprendizagem das crianças. Essa iniciativa reforça a necessidade de repensar os espaços e tempos na educação infantil, reconhecendo a infância como um tempo rico em descobertas e expressão, em que o brincar é uma linguagem fundamental.

Além disso, o contato frequente com o ambiente natural para o fortalecimento sua identidade, senso de pertencimento e a compreensão de si mesmas em relação ao mundo. Nesse sentido, integrar a natureza ao cotidiano da creche não é apenas uma escolha pedagógica, mas um compromisso ético e político com a formação de sujeitos criativos, autônomos e conectados com seu entorno.

Portanto, o "Jardim da Alegria" simboliza um convite permanente à exploração, à experimentação e ao brincar livre, demonstrando que a natureza é, sim, uma educadora poderosa, capaz de ampliar as múltiplas linguagens das crianças e enriquecer a educação infantil como um todo.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. Experiência estética. In: BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: Jujuba, 2021

FORMOSINHO, J. **Pedagogia-em-Participação: a perspectiva educativa da Associação Criança**. Porto: Porto Editora, 2013.

PRIORSKI, Gandhi. **Educação e brincadeira: elementos da infância e da cultura**. São Paulo: Editora Educação, 2016.

MALAGUZZI, Loris. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Educação Infantil como Direito e Alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

